V1	V2	V3	V4

Para responder às questões de **01** a **05**, leia o soneto "XLVII" do poeta Cláudio Manuel da Costa (1729-1789).

Que inflexível se mostra, que constante
Se vê este penhasco! já ferido
Do proceloso[1] vento, e já batido
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi, nem hei de ver mais semelhante
Retrato dessa ingrata, a que o gemido
Jamais pode fazer que, enternecido,
Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nise; a rebeldia
Que vês nesse penhasco, essa dureza,
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!
Dos contínuos excessos da porfia[2],
Recobras novo estímulo à fereza[3].

(Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 2002.)

[1] proceloso: tempestuoso.
[2] porfia: obstinação.
[3] fereza: dureza.

Tendo em vista as analogias estabelecidas no soneto,

(A) as queixas do eu lírico corresponderiam ao penhasco.

(B) as queixas de Nise corresponderiam ao penhasco.

(C) o eu lírico corresponderia ao penhasco.

(D) as queixas do eu lírico corresponderiam aos "golpes" do vento e do mar.

(E) as queixas de Nise corresponderiam aos "golpes" do vento e do mar.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA: D

As comparações, as analogias estabelecidas no soneto se referem à resistência da musa inspiradora Nise à recepção dos sentimentos ofertados pelo eu lírico, que tem “natureza diversa” do esperado, uma vez que os “golpes” do vento e do mar se impõem ao “penhasco”, porém Nise atua com “fereza”, ou seja, endurece o comportamento quanto ao eu poemático, rejeitando-o ou dificultando sua aproximação.